

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

LUIZA PADILHA/DIVULGAÇÃO/JC



Rita Zart traz de volta ao palco canções do EP *O que range*, lançado logo antes da pandemia, em show especial no Teatro de Arena

MÚSICA

Recomeços e novos significados

Leonardo Machado
leonardom@jcrs.com.br

É da ligação entre a carreira de diretora musical de cinema e a vontade de produzir uma obra autoral que nasceu *O Que Range*, primeiro EP de Rita Zart. Lançado em novembro de 2019, a artista realizou o show de lançamento do disco em março de 2020, em meio ao início da pandemia. Após mais de dois anos, a cantora e compositora retorna aos palcos, nesta quinta-feira, às 20h, para uma apresentação especialmente preparada para o Teatro de Arena (avenida Borges de Medeiros, 835), com banda completa e buscando um reviver do seu trabalho de estreia. Os ingressos estão disponíveis no Sympla, a partir de R\$ 25,00.

A escolha do Teatro de Arena como palco para sua reestrea, e não uma casa de show tradicio-

nal, é devido à atmosfera que a cantora quer transmitir nas suas apresentações. O espaço pequeno e concentrado, onde o público se dispõe ao redor do artista e da banda, constrói um ambiente íntimo e afetivo. “Estou buscando um novo significado para as canções do EP, a partir de toda essa vivência que todos nós tivemos da pandemia. Então, é um show atualizado, no sentido de tudo que aconteceu com essas músicas e o que aconteceu comigo como artista nesse tempo que passou”, conta. Além disso, ela conta que, no teatro, o controle sobre figurino, cenografia e direção é mais concentrado no artista.

É inegável que *O Que Range* acumulou novos significados ao seu repertório no decorrer desses dois anos. Com boa parte das músicas escrita em 2018, o disco conversa muito bem com o momento da pandemia e as consequências

desse período. Na canção *Apatia*, por exemplo, Rita canta sobre sair de um lugar de inércia e resistir à depressão, algo que foi bastante relatado durante o isolamento. Na perspectiva de alguém que observa a marcha passar através de uma janela, a música *O Que Range* fala sobre uma vontade de reagir a fatos que acontecem à nossa volta. “Essa vontade de abrir a janela e gritar durante a pandemia aconteceu muito forte, mesmo, e há sensações ali que a gente pode estar vivendo também agora, nesse período pré-eleição”, aponta.

Frustração é o sentimento que define o hiato que Rita viveu após a realização do seu primeiro show. Além de ter sido sua única apresentação independente e ter feito uma preparação intensa, o palco não é algo tão natural na sua vivência artística e a ideia era ir desenvolvendo uma conexão com esse ambiente, o que

acabou sendo postergado. Dessa forma, durante a pandemia, ela precisou voltar a trabalhar em estúdio, onde possui uma carreira como diretora musical de cinema, já tendo produzido a trilha sonora de filmes importantes da cinematografia brasileira da última década, como *Castanha*, *Beira-Mar*, *A Cidade dos Piratas*, *Raia 4*, *Legalidade*, *Tinta Bruta* e *7 Prisioneiros*.

Diferente do cinema, que representa coisas imageticamente, a música é mais sugestiva diante daquilo que pretende representar. Nessa linha, acostumada a dar som às imagens, nos clipes de *Apatia* e *Linguagem*, Rita inverte essa ordem ao permitir que deem cor, brilho e movimento às suas canções. “Não fui eu quem fez o roteiro dos meus clipes e eu gosto dessa colaboração, dessa co-criação, de ver o olhar de quem sabe pensar imagens a partir da minha música”, revela.

Rita Zart conta que vontade nunca faltou para realizar sua primeira obra autoral, mas medo e receio também sempre a acompanharam. A vivência de diretora musical, trabalhando com outros artistas e participando de outras obras, foi imprescindível para enfrentar esses obstáculos. Segundo ela, o cinema independente a encorajou muito a escrever as suas próprias histórias.

“O meu projeto só teve força de se realizar por conta de um movimento de mulheres na música que eu sinto que é muito mais forte do que quando eu comecei a trabalhar em estúdio ou com produção musical, há quase 20 anos”, expõe a artista. Ela aponta o Projeto Concha, voltado a dar espaço a musicistas, cantoras e artistas brasileiras, fortalecendo a produção musical feminina, como um celeiro muito importante para ter conseguido lançar o primeiro EP.